

Banda Municipal de Santa Cruz

Uma banda com duas certidões de nascimento

A Banda Municipal de Santa Cruz não foi fundada em 1887, mas sim em 1922, o que faz com que não tenha 109, mas sim 74 anos de existência

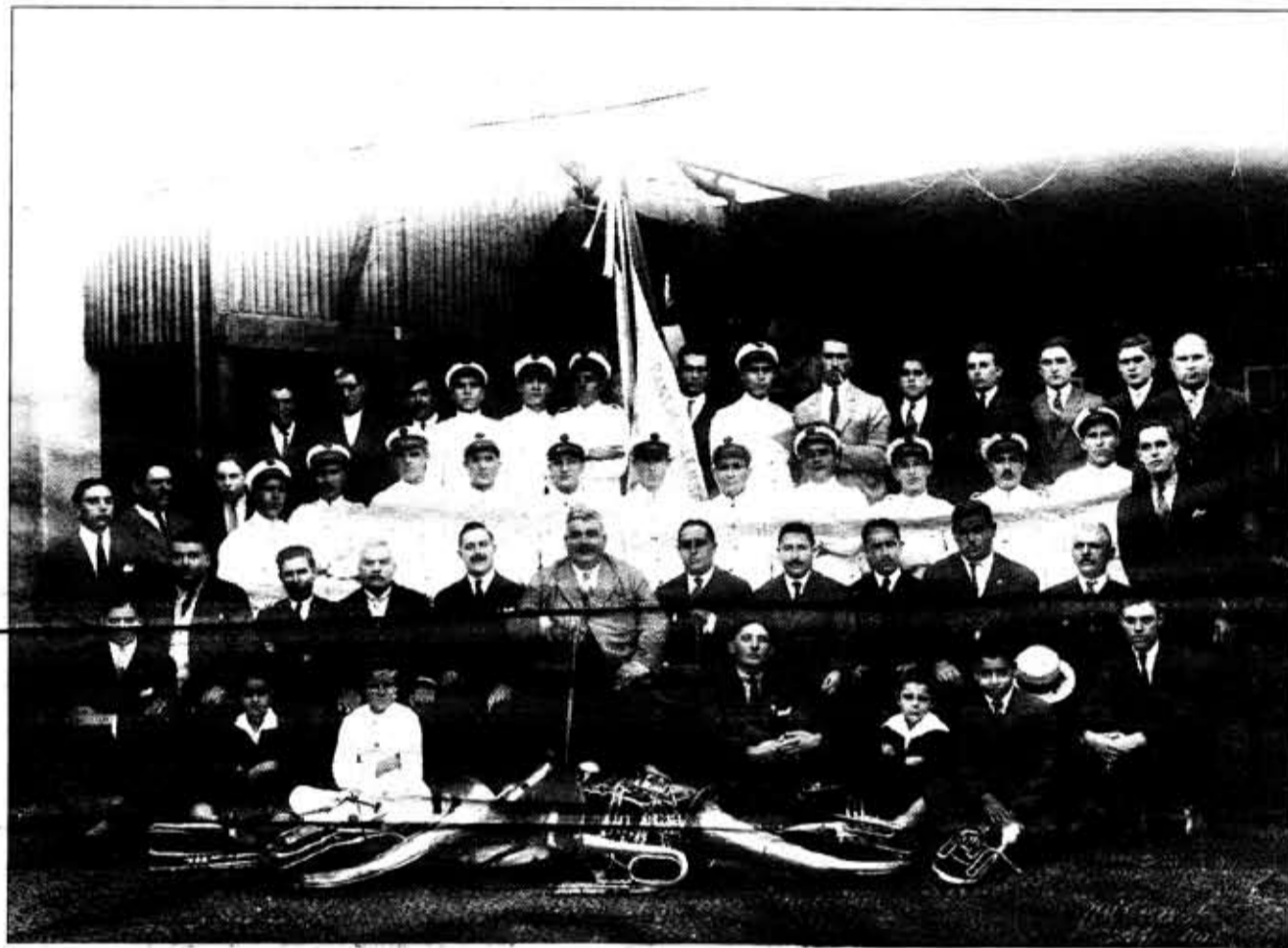
A 16 de Outubro de 1994 publiquei um artigo na revista do Diário de Notícias onde focava alguns aspectos históricos das bandas regionais. Na altura alertei para o facto de haver na Banda Municipal de Santa Cruz um grande desfasamento entre a sua idade real e a data que artificialmente, a partir de determinada altura, os seus dirigentes fixaram como tendo sido a da sua fundação. Recentemente e em vésperas de mais um aniversário desta banda, a propósito da Banda Municipal da Ponta do Sol voltei a referir, em artigo publicado neste Jornal, que a Banda Municipal de Santa Cruz não foi fundada em 1887, mas sim em 1922, o que faz com que não tenha 109, mas sim 74 anos de existência.

Contudo, tal como em 1994, uma vez mais a dúvida levantada sobre a idade da Banda Municipal de Santa Cruz foi ignorada e no dia 8 de Dezembro último, o logro histórico voltou a acontecer e ambos os matutinos madeirenses, em trabalhos elaborados pelos seus correspondentes, voltam a insistir nas comemorações do 109º aniversário desta banda, como se da verdade se tratasse.

Ainda que consciente de que mais do que uma data, aquilo que interessa é o esforço dos músicos, dirigentes e sócios na concretização dos objectivos da colectividade, acho que também não se pode descorar os seus aspectos históricos. Daí que, na posse de alguns elementos sobre esta temática, me pareça importante tecer algumas considerações sobre as origens da Banda Municipal de Santa Cruz para que de uma vez por todas a data da sua fundação fique esclarecida.

As bandas de Stª Cruz até 1922

De uma forma resumida, uma vez que também os dados disponíveis não permitem neste momento avançar muito mais, poderemos dizer que a primeira banda surgida em Santa Cruz acontece em 1874, sob a protecção de Tristão Vaz Teixeira Bettencourt e Câmara, então presidente da edilidade que tendo conhecimento dos desejos que tinham alguns mancebos do seu concelho em organizar uma banda de músi-



A Filarmónica União Santacruzense (12 de Dezembro de 1926)

ca, generosamente adiantou o custo dos instrumentos e mais despesas, para que a banda ficasse organizada. Na altura, Telésforo Leandro Afonso, natural de Santo António e a trabalhar naquele concelho presta-se a gratuitamente leccionar música e César José Coelho, já responsável pela Filarmónica Artístico-Madeirense, viria ao que parece a aceitar a responsabilidade pela sua regência, cargo que posteriormente haveria também de deixar para Telésforo Afonso.

Ainda no século passado, em finais da década de 70 princípios da de 80, Santa Cruz tem já duas filarmónicas uma provavelmente denominada de Filarmónica União Santacruzense e outra de Filarmónica União Fraternal, esta última assumidamente republicana, pelo menos assim o era em 1883. A propósito desta banda, convirá referir ela poderá corresponder à Filarmónica Sociedade União Fraternal Recreativa

da Vila de Santa Cruz testemunhada pela pena de João Meireles Alvares, através de um projecto de estatutos, cuja data de elaboração é anterior a 1895 e chegou aos nossos dias, no estado de manuscrito.

Posteriormente continuamos a encontrar duas filarmónicas algumas vezes com a denominação de velha e nova e que provavelmente corresponderão às inicialmente encontradas.

Ainda que na passagem do século XIX para o século XX, Santa Cruz se orgulhasse de possuir duas filarmónicas, em 1906 já só existia uma e era dirigida por Ângelo Alvares de Freitas. Tratar-se-á ao que parece da Filarmónica Sociedade União Fraternal Recreativa da vila de Santa Cruz, mas nesta data mais conhecida por Filarmónica União Fraternal Santacruzense ou simplesmente Filarmónica União Santacruzense. Contudo, desin- tendimentos ocorridos no

seu seio levaram à sua cisão, surgindo desta forma duas filarmónicas, uma dirigida por Ângelo Alvares de Freitas e outra por António Franco Ramos. Era o aparecimento das bandas que ficaram mais conhecidas pela Banda do Sr. Franco, mas tida também segundo Ênio R. Jesus Álvares, como Sociedade Capricho Santacruzense e pela Banda do Sr. Ângelo e denominada também, segundo capas de livros de registos do seu regente como Filarmónica União Fraternal Santacruzense (1906) ou Filarmónica Recreio Santacruzense (1908 e 1917) e que imbuídas de uma rivalidade férrea, terão chegado até pelo menos 1920, isto relativamente à banda do Sr. Ângelo, uma vez que a do sr. Franco ter-se-á extinguido por volta de 1918. Com efeito neste ano já não encontramos o sr. Franco à frente dos destinos da banda e, em 1921, Ângelo Álvares de Freitas encontrava-se na

regência da Música Nova de Machico fundada em 1920.

Fundação da União Santacruzense

Habitados a terem desde o século passado, na maior parte dos anos não uma mas duas filarmónicas, os santacruzenses cedo reagiram a esta lacuna e decidem criar uma nova filarmónica. É então que surge a Filarmónica União Santacruzense fundada a 8 de Dezembro de 1922, derivando a sua denominação do facto de ser constituída na sua maioria por elementos das duas anteriores filarmónicas.

Segundo um manuscrito deixado por Tolentino Rodrigues, músico que incorporou a primeira constituição desta banda, em 1921 o Dr. Joaquim Vasconcelos de Gouveia, então Administrador do Concelho e pessoa politicamente influente na localidade, terá pedido a Manuel de Freitas, músico que havia terminado o

serviço militar, para recrutar alguns dos antigos executantes de ambas as bandas e fazer uma nova formação. Não havendo instrumentos uma vez que com a extinção das anteriores bandas, os instrumentos haviam sido vendidos, constituiu-se uma comissão de que faziam parte o Joaquim Luís da Rocha Machado, na altura sócio-gerente da fábrica de manteiga e queijo Burnay; Luís França Pita, proprietário de outra fábrica de manteiga; José Joaquim de Gouveia, tesoureiro da fazenda pública; Luís de Freitas Branco, proprietário e industrial e Ângelo Marcolino de Medeiros, proprietário e comerciante e que terão assumido a responsabilidade pela aquisição dos instrumentos necessários. Contudo, de acordo com o Jornal da Madeira de 24 de Setembro de 1924, Álvaro Sá Gomes, por essa altura regressado de uma longa viagem ao estrangeiro também terá oferecido alguns instrumentos à comissão protectora da banda.

Ainda de acordo com o manuscrito de Tolentino Rodrigues, Manuel de Freitas conseguiu recrutar os antigos filarmónicos Carlos Rodrigues, António de Freitas, Pedro Inácio Gonçalves, Alfredo Câmara, Manuel de Ornelas, Constantino de Freitas Cró, José Cunha, Manuel Gouveia e dando como prontos os aprendizes António de Freitas Júnior, Joaquim Alves Ferro, João de Sousa e Tolentino Rodrigues, resolveu em 8 de Dezembro de 1922 apresentar a nova banda no arraial de Nossa Senhora da Conceição na freguesia da Camacha, com 13 elementos.

A esta constituição inicial juntar-se-iam depois diversos aprendizes e mais alguns antigos filarmónicos, entre eles José Fernandes de Nóbrega, a quem Manuel de Freitas viria a entregar a sua regência, surgindo a banda, em 1926, por ocasião do seu 4º aniversário com 19 elementos, elementos esses que viriam mais tarde a serem novamente reforçados com o objectivo de participar no 1º certame de bandas regionais de 2ª classe realizado a 24 de Novembro de 1929 e onde a banda, na altura com 35 elementos, sob a regência do Sub-chefe de Infantaria

José Júlio da Costa Cardoso, se haveria de classificar em 1º lugar.

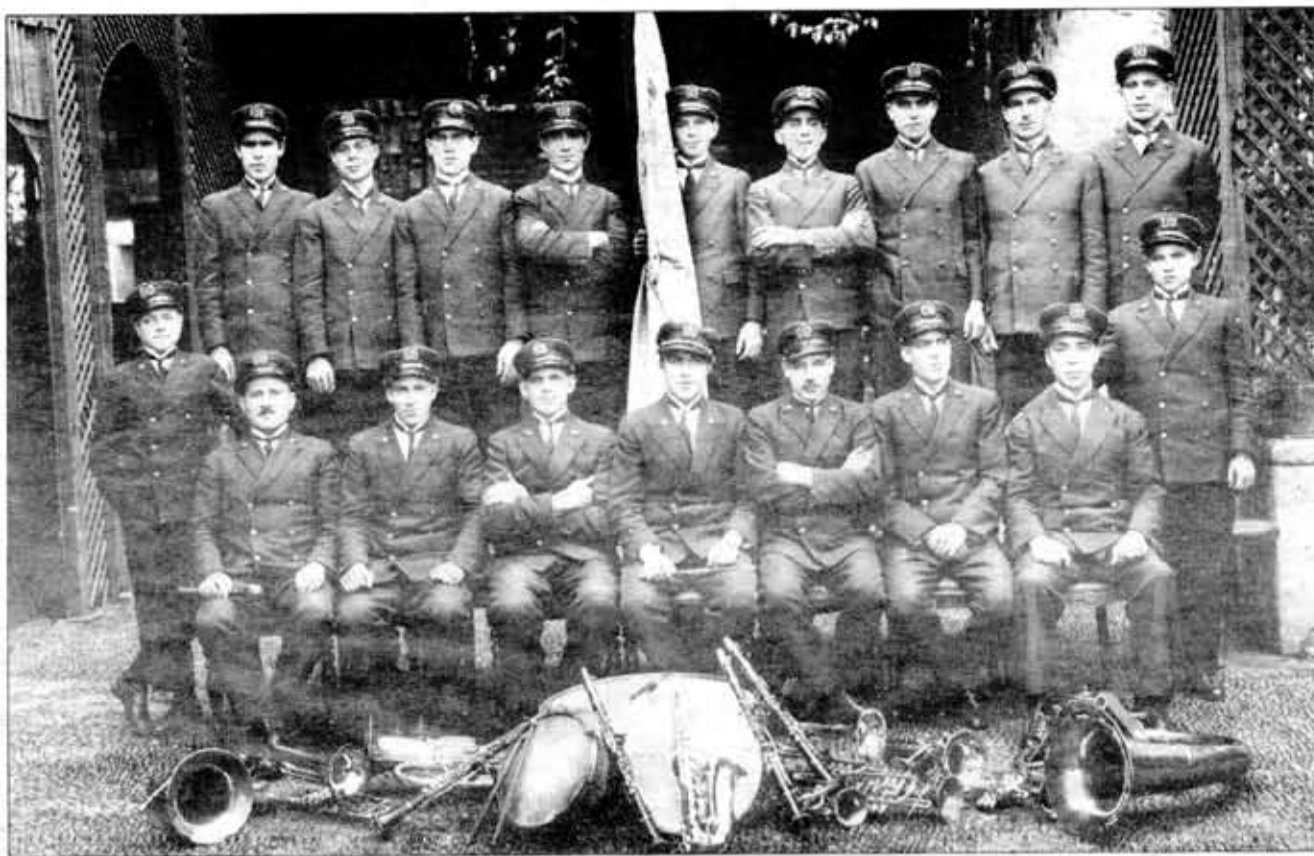
Estandarte da Filarmónica

Por ocasião das comemorações do seu 2º aniversário, celebrado sob a regência de José Fernandes Nóbrega, o Jornal da Madeira de 30 de Dezembro de 1924, num trabalho do seu correspondente em Santa Cruz refere que um protector da Banda *João Joaquim de Gouveia, digno tesoureiro da fazenda pública, ofereceu à banda uma linda bandeira medindo 2,10 m de comprimento por 1,80 m de largura. O centro da mesma é branco e facha azul. O trabalho de pintura a óleo foi executado pelo hábil pintor Cirilo. Ao centro uma grande lira ladeada de dois clarinetes tendo à direita uma bera e à esquerda um ramo de oliveira que vem entrelaçar num anel. Ao fundo a data de 8 de Dezembro de 1922.*

A Banda Municipal de Santa Cruz

Em 11 de Dezembro de 1926 o Diário de Notícias dá conta do programa de comemorações do 4º aniversário da Filarmónica União Santacruzense a celebrar no dia seguinte e onde consta uma deslocação ao Funchal, estando programada uma actuação da banda no adro da igreja de Santo António e uma deslocação aos *Vicentes Photographos*, para uma fotografia e onde a sua presença nesse dia consta do respectivo livro de registos.

Curiosamente, de acordo com o Diário de Notícias de 7 de Dezembro de 1928, a banda de Santa Cruz celebraria o seu 6º aniversário no dia 9 e quase como se de um ritual se tratasse, não faltou nesse dia uma deslocação ao Funchal com respectiva actuação no adro da igreja de Santo António e visita ao fotógrafo *Vicentes* para uma fotografia de família. Contudo, relativamente a 1926 haverá a registar uma pequena diferença na notícia sobre o aniversário, o mesmo verificando-se no livro de registos do fotógrafo *Vicentes*, ou seja, a substituição da denominação de Filarmónica União Santacruzense por Banda Municipal de Santa Cruz, pese embora o facto do estandarte continuar o mesmo.



Banda Municipal de Santa Cruz, 9 de Dezembro de 1928 (1ª fila: Manuel Ornelas, Joaquim Alves Ferro, João Rodrigues, Ramiro Ângelo Álvares (regente), Manuel de Freitas, João Nóbrega, João Fernandes de Nóbrega. 2ª fila (?); 3ª fila: José Alves, João Maio, Manuel de Freitas (Róti), Carlos Rodrigues; Gonçalves (da família do cego), José Guizo, João de Sousa Jardim, António de Freitas Sênios e José Cunha)

Caras idênticas, a mesma data de aniversário, o mesmo ritual — deslocação ao Funchal no dia do aniversário, actuação no mesmo local e fotografia — e inexistência de referências a outras bandas na localidade serão dados mais do que suficientes para afirmar que a Filarmónica União Santacruzense e Banda Municipal são a mesma banda.

A propósito da atribuição do título de Banda Municipal, somos naturalmente levados a admitir que ele tenha ocorrido entre 1927 e 1928, como demonstra a notícia do 6º aniversário e não em 1929 como recompensa pelo 1º lugar alcan-

çado no Certame de Bandas Regionais, como aliás no seu manuscrito Tolentino Rodrigues julga ter acontecido e que, se assim for, é um dos poucos dados em que a sua memória o trata relativamente aquilo que podemos confrontar com os documentos da época.

Ainda relativamente ao 6º aniversário haverá a destacar que no dia 8 de Dezembro de 1928, com um concerto dirigido por Ramiro Ângelo Álvares, na altura também regente da banda, teve lugar a inauguração da sua orquestra sinfónica composta por executantes da mesma e destinada solenizar no inte-

rior do templo as festividades religiosas.

Os regentes

Relativamente aos regentes, ainda que seja difícil de precisar de uma forma ordenada tanto os seus nomes quando a duração das suas funções, poderemos dizer que Manuel de Freitas terá sido o primeiro, seguindo-se-lhe José Fernandes de Nóbrega. Ramiro Ângelo Álvares de Freitas, terá sucedido na regência da Banda a José Fernandes de Nóbrega, cargo que ocupava em Setembro de 1929, altura em que é substituído por José Júlio Costa Cardoso, sub-chefe

reformado da banda do antigo regimento 27 e que segundo consta terá sido especialmente contratado com vista à participação no 1º Certame de Bandas de 2ª categoria a realizar em Novembro desse ano.

Durante a regência de José Júlio Costa Cardoso, a Filarmónica União Santacruzense, ou Municipal de Santa Cruz atravessou o seu melhor período.

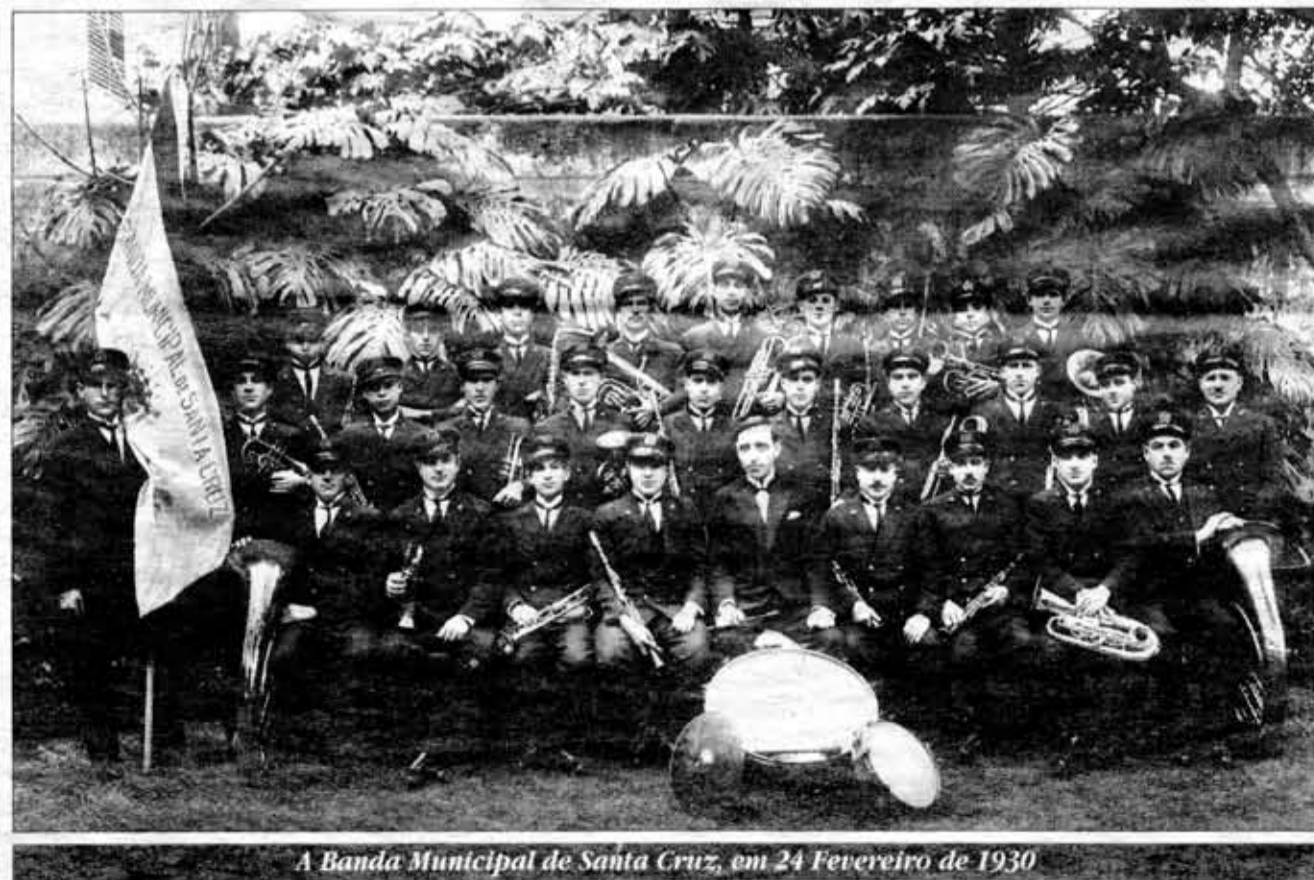
Após a saída de José Júlio Costa Cardoso, o que acontece provavelmente em Fevereiro de 1932, uma vez que em Março seguinte, já o encontramos a dirigir a Banda Distrital do Funchal, a orientação artística da banda ficaria suces-

sivamente aos seus membros mais antigos e com maior competência, entre os quais Ramiro Ângelo Álvares de Freitas e António de Freitas Júnior que havia deixado a vida militar. Em 1968, na sequência da saída de António de Freitas Júnior, que emigra para os Estados Unidos da América, a regência da banda volta a ficar entregue aos músicos mais antigos que intercaladamente se sucedem nessas funções. Contudo, ao fim de seis anos, a actividade da banda sofre uma interrupção de cerca de 18 meses, de Março de 1974 a Novembro de 1976, altura em que José do Carmo Freitas Cunha assume as funções de regência.

Depois desta dissertação onde provas inequívocas foram apresentadas sobre a data de 8 de Dezembro de 1922, como sendo a da fundação da Filarmónica União Santacruzense, posteriormente transformada em Banda Municipal de Santa Cruz julgo que quaisquer outras datas, não passam de meras ficções criadas com objectivos de tornar centenária uma colectividade que na realidade não o é. Julgo que não é correcto contabilizar a idade da Banda Municipal de Santa Cruz, como a soma da idade que esta na realidade possui, com a idade da banda ou bandas que alguém em determinada altura teve a imaginação arranjar para progenitora e que, a avaliar pela data, não parece coincidir com nenhuma das citadas no texto. O mais correcto talvez, já que o problema parece ser a psicose dos *centenários*, seria fazer como acontece em algumas das *repúblicas universitárias*, ou seja, celebrar em cada ano que passa não um aniversário, mas um centenário!

Na realização deste trabalho, nomeadamente pela possibilidade de acesso ao manuscrito de Tolentino Rodrigues e de identificação de alguns dos elementos constantes numa das fotografias, foi de extrema importância a colaboração de Énio R. Jesus Álvares e que tal como Tolentino Rodrigues não se cansa de mostrar a sua indignação pela deturpação da data de fundação da Banda Municipal de Santa Cruz. ■

Manuel Pedro S. Freitas (Texto)
Photographia - Museu "Vicentes" (Fotos)



A Banda Municipal de Santa Cruz, em 24 Fevereiro de 1930